



Revista Mulemba  
e-ISSN: 2176-381X  
v.16, n.30, e202464829, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n30e202464829

Dossiê

## Vozes da família:

# Memórias, saudades, admiração

## O legado de meu pai

Fernando Amado Couto<sup>1</sup>

– *Escrever um texto alusivo ao centenário do nascimento do meu pai, Fernando Leite Couto, trata-se de uma tarefa complexa, dada a diversidade da sua vida. Como homem, como cidadão, como escritor, como poeta, como jornalista, como editor, e sobretudo como pai. Entre essas diferentes facetas escolhi a do pai e do seu legado, recorrendo a alguns episódios da nossa vida.*

Era o ano de 1962. Na pequena e inquieta redacção do *Notícias*, na cidade da Beira, com o barulho do matraquear ritmado do bater das teclas das máquinas de escrever, o meu pai chamou-me para ler o título de um jornal estrangeiro. Na primeira página, destacava-se um título em letras garrafais: “ARGÉLIA INDEPENDENTE”. No seu habitual tom

### Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco  
Vanessa Ribeiro Teixeira

### Editores Associados

Ana Mafalda Leite  
Celso Muianga  
Sara Laisse

<sup>1</sup> Fernando Amado Leite Couto é o filho primogênito de Fernando Leite Couto. Formado no Curso de Direito na Universidade de Lisboa e pós-graduado na Business School da Universidade de Cape Town. Jornalista, empresário, autor de dois livros: *O direito do mar e O fim do império e a construção da nação*. Membro fundador da Fundação Fernando Leite Couto. Galardoado com vários prémios no sector empresarial.

de voz sereno, mas determinado, comentou: *Filho, isto é o que tem de acontecer em Moçambique*. E mais não disse. Palavras que marcaram a minha vida, de um jovem que tinha acabado a escola primária. Que me acompanharam até que esse objectivo fosse alcançado em 1974.

Nesse mesmo ano, chegou a família a Paris de férias, exaustos de uma viagem de comboio inacabável, repleta de peripécias inesperadas. Talvez dessa viagem ter-me-á ficado a minha afeição profissional pela ferrovia. Esperava-o, na *Gare do Norte*, Valeriano Ferrão, amigo e colega da Beira. E, os dois iniciaram uma caminhada, ao longo da gare, num infundável vai e vem, sendo eu obrigado a acompanhá-los e escutar uma conversa quase indecifrável, mas que retenho o conteúdo base. A mensagem era clara: devíamos aproveitar a nossa estadia e partir para Dar-Es-Salam para juntarmo-nos à FRELIMO, movimento de libertação que tinha sido formado pouco antes e que conduziu, em 1974, o país à independência. No final da longa conversa, transido de frio, meu pai, segredou-me: *não ouviste nada e o que ouviste fica para sempre contigo e só contigo*. Confesso que só anos mais tarde percebi qual teria sido o teor da conversa. Meu pai resistiu à tentação, mas para nós o nome da capital da Tanzânia ficou para sempre marcado, como um símbolo da esperança. Não uma utopia, mas uma certeza.

A nossa infância e juventude, na cidade da Beira, com diferentes residências entre a fronteira da cidade de cimento e dos subúrbios da urbe, foi marcante, pela peculiaridade da nossa juventude agitada e demasiado criativa. Marcada por uma mãe sempre presente e por um pai praticamente quase ausente, no conceito e responsabilidade tradicional do papel de pai na família tradicional dessa época. No entanto, a sua presença fez-se sentir doutras formas. Numa sociedade colonial, guardarmos segredos que muitos poucos jovens como nós sabiam. Esta foi uma das parcelas do legado do meu pai – o transmitir a sua força interior, os valores da liberdade, de pensarmos por nós próprios e ter o sentido de servir a sociedade.

Durante os meus tempos de juventude, como filho mais velho, tinha a tarefa, hoje digo o privilégio, de o acompanhar quase diariamente. Desde os tempos em que foi funcionário da majestática empresa dos Caminhos de Ferro de Moçambique, na visita diária às livrarias da cidade, onde ficava sentado no chão, lendo os livros do Tintin, enquanto ele tinha intermináveis conversas com os seus amigos. Mesmo aos diferentes acontecimentos sociais em que ia, enquanto jornalista. Ficou-me mais uma parte do seu legado: a atracção pelas livrarias e sobretudo pelos livros. Pelo valor inestimável que o livro e seus autores representavam. Da organização da sua biblioteca, carregada com clássicos da literatura, desde os escritores europeus como Camus, Malaparte, Moravia, aos escritores americanos da escola de William Faulkner até aos desiludidos com o verdadeiro modelo que o comunismo soviético representava. Mas entre todos havia uma clara distinção: o lugar dos livros de poesia.

Essa biblioteca servia, provavelmente na falta de televisão, para uma leitura, depois do jantar, de textos de poesia nos serões quentes e húmidos da cidade da Beira. Lia, não declamava, poemas acompanhados pelas vozes melodiosas de Earth Kid, Mahalia Jackson, Paul Robson, Joan Baez, entre outras do mesmo género. Não que o meu pai fosse melómano. Era não só um péssimo cantor, com pouco ouvido para a música, mas admirador desses estilos musicais, que contrastavam com os nossos gostos musicais da juventude, mais do rock e dos grupos que nasceram e populararam nos anos sessenta.

Ficou-me na espuma da memória o dia em que os seus amigos da esplanada do café “Capri”, local de encontro dos oposicionistas (desde monárquicos a comunistas), unidos num jogo misterioso chamado de “31” e fazendo comentários graciosos sobre as belezas femininas que ousavam passar no passeio, invadiram, com grande precipitação e agitação, a nossa tranquila casa, falando apressadamente com a minha mãe. Tudo se passava na ausência de meu pai.

Foram directos às estantes, escolhendo vários livros “sagrados” e, para nosso espanto, os regaram, com petróleo, queimando-os no quintal. Olhava incrédulo para o meu irmão Mia, ambos sem percebermos o que estava a acontecer. Saíram com a mesma pressa com que entraram e, em unísono, deixaram-nos um apelo de calma. Então, a nossa mãe, numa voz conformada, mas bastante apreensiva, chamou-nos e deu a explicação: o nosso pai estava preso pela PIDE, órgão de repressão política do regime colonial. E depois de um longo silêncio, desabafou: *eu bem o avisei*. E chorou. Nós, na nossa ignorância, perguntamos-lhe o porquê da sua prisão: se havia porventura roubado, ou mesmo matado alguém. Ela respondeu-nos: *Não, meus filhos, é a maldita da desgraçada política em que ele anda metido. Vamos é jantar*, tentando desvalorizar o seu estado de alma.

Dois dias depois, na sua calma habitual e no seu passo curto e rápido, regressou a casa. Sentou-se tranquilo num sofá da sala, fumando vagarosamente o seu cigarro. Perguntamos o que tinha ele feito para ter sido preso e o que tinha acontecido durante o tempo da sua detenção. E a resposta foi a sua habitual interjeição: *Oh*. E, nunca mais se falou nesse assunto.

Após a queda do regime colonial, contrariamente a uma minoria de colonos brancos, que rapidamente fizeram um travesti político, passando de defensores intransigentes do colonialismo a fervorosos independentistas, nunca se vangloriou de ter sido preso político, dos seus artigos terem sido cortados ou censurados, ou mesmo de ter sido despedido enquanto jornalista, tendo ficado por algum tempo desempregado pela publicação de um artigo que escapou às malhas da censura, mas não ao olhar atento de figura grada ministerial da então “metrópole”. Só depois da sua morte, através de familiares em Portugal, soubemos mais em detalhe do seu passado político.

Aliás, num dos seus poemas com o título “Declaração de Princípios”, ele escreveu claramente sobre o seu percurso de vida que seguiu de forma coerente:

(...)

Irei convosco no vosso meio contaminado  
pelo vosso ódio das raízes mergulhadas sem fim  
irei com os vossos olhos postos no peito dos inimigos  
e não ousarei talvez encará-los nos rostos  
fecharei a minha porta à névoa da piedade  
e direi a mim mesmo que sou incorruptível  
e deixarei de ser um bloco de divergentes peças  
nesse dia irei convosco por nada faltarei  
pois estaria já morto se faltasse entre vós.<sup>2</sup>

E adianta na sua Declaração:

II

Depois não estranheis ó meus meus amigos  
se eu não me sentar no festim da vitória  
ou não estiver presente até ao final  
e sair por entre os mortos fechando os olhos  
e compondo queixos, pernas e braços  
não estranheis que não cante as marchas guerreiras triunfais.<sup>3</sup>

O meu pai foi um educador. Confesso que foi de forma bem mais activa para os outros do que para nós, os da casa. A nossa educação escolar era deixada ao cuidado da nossa mãe. Nos últimos anos da sua vida, passava horas a fio lendo textos de futuros escritores da nossa sociedade. Sugerindo emendas, corrigindo os erros ortográficos e de sintaxe. Tal como no jornalismo, a escrita do português era para ele essencial. Com orgulho, nos dias de hoje, ouvimos que deixou escola, que muitos foram formados por ele. Deixando-nos um peso de responsabilidade de continuidade. Felizmente recaiu ao meu irmão Mia, que seguindo o seu caminho de jornalista e escritor, tornou realidade a intuição que o Fernando Couto tinha e via nele como escritor. Hoje com um renome internacional. As raízes da escrita do Mia, sobretudo nos seus primeiros livros, passaram pela vivência da nossa juventude, muitas, para desespero da nossa mãe, e quando as contamos aos nossos filhos e nossos netos, todos acham que, pelo seu conteúdo, se trata de puro imaginário fantástico.

---

<sup>2</sup> COUTO, Fernando Leite. *Jangada de inconformismo*. Beira: Edição do *Notícias da Beira*, 1962, p. 68.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 69.

De quando em quando, vou à sepultura dos meus pais. Sita numa aldeia no norte de Portugal. Num sítio ermo. No cimo de um monte. Deserto. Gelado no inverno e florido e quente no verão. Detenho-me junto da lápide e reflecto sobre as duas figuras, tão diferentes, mas tão juntas na vida e jazendo naquele pedaço de terra. Descobri a razão pela qual o meu pai decidiu ficar enterrado nesse desterro. Longe do mundo mundano, junto do cântico dos pássaros e perto das diferentes estações do ano. A saudade deles pesa-me. Mas inspira-me. E o silêncio cai sobre mim e sinto-me mais homem. Mais filho de quem sou. E despeço-me mais feliz.

## A varanda sobre o tempo

**Mia Couto<sup>4</sup>**

A grande avenida separa-me do mundo. O meu pai acabou de ser enterrado e eu preciso dessa irreparável fronteira. Se a vida o levou, não quero que ela compareça se não for para o trazer de volta. Fui para a rua porque a casa me parecia ao mesmo exígua e demasiada. E a cadeira onde ele passou os seus últimos dias não cabia agora dentro das quatro paredes. Foi por isso, ou por razão nenhuma, que decidi sair de casa e me pus a caminhar sem rumo pelas ruas de Maputo.

De repente, percebo que, do outro lado da avenida, há um aceno vago, um vulto no meio da neblina. Alguém chama pelo meu nome. E como não lhe desse atenção, o vulto cruzou a avenida e foi ganhando contorno e voz. A uns dois metros, o homem parou, cruzou as mãos em frente do ventre e esperou que eu erguesse o rosto. Ainda pensei que iria repetir uma dessas mensagens de conforto, uma palavra vazia, mas de intenção carinhosa, um abraço solidário, mas com calculada solenidade. Nada disso. Ele murmurou como se temesse ser escutado.

– *O seu pai não partiu*, disse ele. Depois deu um passo em frente e colocou a mão sobre o meu peito. – *Ele está aqui*. E bateu suavemente no meu ombro como se tocasse em vidro – *Você é o seu pai*.

Virou costas e dissolveu-se por entre a multidão. Fiquei suspenso como um ateu olhando um anjo em pleno voo. Quando voltei a pisar o chão já eram do meu pai os pés que levavam o meu corpo. Fernando Couto, o nosso velho pai, não deixou herança. Mas eu herdara-o inteiro em mim.

---

<sup>4</sup> Mia Couto, pseudónimo literário de António Emílio Leite Couto, segundo filho de Fernando Leite Couto. Nasceu em Moçambique, graduou-se em Biologia, trabalhando como biólogo. Como escritor e poeta dispensa apresentações, sendo reconhecido nacional e internacionalmente pela extensa obra literária publicada, consagrada por inúmeros prêmios e leitores. Membro fundador da Fundação Fernando Leite Couto.

Aquele homem anónimo que cruzou a avenida trouxe-me o conforto de que eu mais carecia: a certeza de uma eternidade. Não havia despedida, não havia ausência. O que prevalecia era o eterno regresso de quem nunca chegou a partir. Fernando Leite Couto, esse poeta que não encontrou pátria em nenhum lugar, acabou por se exilar em nós, os seus filhos, repartido em doses certas de silêncio. Esse mesmo silêncio que ele, com o seu modo delicado de estar no mundo, tão bem sabia moldar nos seus versos.

O primeiro poema que escrevi, com quatorze anos, foi para ele. Roubou-o do meu caderno e publicou-o no jornal da cidade. Disse-lhe que me sentia magoado, que aquilo apenas a mim me pertencia. – *Então porque lhe deste o título “Poema para o meu pai?”*, argumentou ele. E estava certo. Num certo verso, esse poema dizia: “... e porque não sabia o que fazer com o tempo meu pai levava as suas longas mãos para a varanda...”<sup>5</sup>

Poucos dias depois da publicação desse poema, a nossa família comprou bilhetes para assistir a um recital de uma famosa declamadora de poesia que vinha de Portugal. Os preparativos foram os da tomada de posse de um presidente. A nossa mãe mandou-nos ao barbeiro e vestiu-nos a rigor. No final do recital, a artista anunciou que ia ler um poema que acabava de tomar conhecimento no jornal da nossa cidade. Quando percebi que eram os meus versos eu, que era a timidez em pessoa, afundei-me no assento e odiei o meu pai que, na cadeira ao lado, tinha os olhos míopes rasos de vaidade.

Cinco décadas depois, escrevi um outro poema depois de vaguear pela cidade e ter sido abraçado pelas palavras de homem anónimo que me disse. – *Você é o seu pai*. Aquelas palavras confirmavam o lugar eterno dessa varanda onde eternamente conversamos. E aqui deixo esse outro poema que escrevi com as mãos que são mais dele do que minhas:

O habitante  
Se partiste, não sei.  
Porque estás, tanto quanto sempre estiveste.  
Essa tua, tão nossa, presença  
enche de sombra a casa  
como se criasse, dentro de nós, uma outra casa.  
No silêncio distraído de uma varanda  
que foi o teu único castelo,  
ecoam ainda os teus passos  
feitos não para caminhar mas para acariciar o chão.  
Nessa varanda te sentas  
nesse tão delicado modo de morrer

---

<sup>5</sup> COUTO, Mia. “Poema para meu pai” (datado de 1971). Beira, publicado no *Jornal. Notícias*, Ano XLVIII, n. 15899; Lourenço Marques, 19-9-1973, p. 7. *apud* ANGIUS, Fernanda e ANGIUS, Matteo. *O desanoitecer da palavra*. Mindelo: Embaixada de Portugal, 1998, p. 22.

como se nos estivesse ensinando um outro modo de viver.  
Se o passo é tão celeste  
a viagem não conta  
senão pelo poema que nos veste.  
Os lugares que buscaste  
não têm geografia.  
São vozes, são fontes,  
rios sem vontade de mar,  
tempo que escapa da eternidade.  
Moras dentro,  
sem deus nem adeus<sup>6</sup>.

## Visitas e cartas – memórias do meu avô

**Madyo Couto<sup>7</sup>**

Antes mesmo de abrirem a porta, ouvia a minha avó. “Ó Nando!”. Aquela voz carregada de tanto amor que fazia o corpo iluminar de alegria. “*Onde deixaste as chaves?*”.

Visitar os meus avós era sempre um encanto. Assim que entrava, a vó Zus distribuía beijos por toda a minha cara. As suas mãos abraçavam as minhas, e me conduzia casa a dentro. Do corredor, surgia o meu avô, arrastando os pés como se estivessem ainda a tentar encaixar os dedos no chinelo. “*Olha o perigoso!*”, o seu cumprimento habitual.

Sentávamos na sala, e pouco depois a vó Zus reaparecia com um tabuleiro. Um copo de leite gigante, e uma sandes de queijo tão grossa, que não se sabia qual das fatias era o pão e qual o queijo. Conversávamos sobre tudo. A escola, as namoradas, as férias, e sobre o que se passava no mundo. Quase sempre a conversa levava a que o meu avô trouxesse do seu escritório um dossier com recortes de jornais. Ficava impressionado com a capacidade que tinha de ter acesso a uma diversidade de jornais. Dizia-me para ler sempre diferentes jornais, e de preferência a mesma notícia escrita de uma outra perspectiva. Algo que parece ser bastante relevante nos dias de hoje. Há cada vez mais jornais e menos verdades.

---

<sup>6</sup> COUTO, Mia. *Vagas e lumes*. Lisboa: Caminho, 2014, p.14-15.

<sup>7</sup> Madyo Dawany Nunes Couto é neto de Fernando Couto, filho mais velho do escritor Mia Couto. Nasceu em Maputo. Mestre em Conservação pela Universidade de Cambridge em 2013 e graduado em Ciências Ambientais pela Universidade de Cape Town em 2000. Escreve contos, tendo colaborado durante anos com *Índico*, revista de bordo da LAM.

“*Guardei esta notícia para ti.*”. Passava-me um pedaço do jornal recortado e colado numa folha de papel. Por cima do artigo, viam-se imensos rabiscos com a sua letra a corrigir erros. Vírgulas mal estacionadas, letras maiúsculas em lugares impróprios, adjectivos inadequados. Esta sua capacidade de olhar com profundidade o conteúdo da notícia, sem perder o rigor de uma escrita correcta foi provavelmente das características que o levaram a ser editor e a rever inúmeros textos e publicações.

Não me lembro como terá iniciado. Mas quando eles partiam para São Cosmado, a aldeia da minha avó, começamos a trocar cartas. Primeiro eram pequenos relatos de coisas mais banais que aconteciam na escola, as disciplinas que gostava, as brincadeiras que fazíamos na rua. Com o tempo fui ganhando coragem para partilhar, dentro do envelope, pequenas histórias e poemas que fazia. Quando regressava e o visitava em sua casa, ele trazia o envelope, tirava o papel com a história ou poema, e me mostrava os erros que tinha assinalado. Nunca o fazia com as cartas. Essas pareciam ser as únicas isentas de qualquer avaliação gramatical. Foi através dessas cartas que a nossa relação se fortaleceu e moldou minha forma de pensar. As suas palavras incentivavam a debater assuntos, construir argumentos e ter a humildade de reconhecer os erros.

Uma das coisas que adorava na sua casa eram os vários pedaços de ramos contorcidos que tinha um pouco por todo o lado. “Não parece um bailarino?”, perguntou o meu avô olhando para o ramo com um sorriso de admiração. Eu acenava a concordar, enquanto escondia um riso, pois não vira qualquer semelhança. Hoje, anos mais tarde, sou eu que faço a mesma coisa. Os pedaços de ramos no chão parecem revelar histórias e contos, e me encantam. Os padrões das suas ranhuras, a superfície suavizada pelo vento, clareada pelo sol.

Nas poucas ocasiões que passeamos juntos na natureza, enquanto os outros seguiam o caminho a passos rápidos, eu deixava-me ficar para trás com o meu avô. Apanhávamos pauzinhos e ficávamos a seguir o carreiro de térmitas a subir pelo tronco das árvores. Aqueles momentos, junto com ele, pareciam não ter o conceito de tempo e deixaram em mim uma grande influência na forma de olhar o mundo. Muito provavelmente o rumo que segui profissionalmente foi inspirado também pelo meu avô.

Quando ficamos sozinhos os dois, em São Cosmado, o meu avô chamou-me para a cozinha. A sua cara parecia querer anunciar uma notícia trágica. “*A tua avó teve de sair por uns dias. Então vamos ter de cozinhar.*”. Acho que adivinhando a possível tragédia de ter o meu avô a cozinhar, uns familiares trouxeram para a nossa casa uma pequena marmita. Assim que se despediram, antes mesmo de fecharem a porta, o meu avô tirou um velha garrafa de vinho tinto, e bebi com ele o meu primeiro copo de vinho. Naquele brinde, compartilhávamos um entendimento implícito daquele carinho eterno entre um avô e um neto.

Saúde, avô, e obrigado por todas as memórias que compartilhamos.

# O meu avô presente em mim

**Maura Couto<sup>8</sup>**

Quando penso no meu avô, penso em paz interior. Até hoje invejo e inspiro-me na tranquilidade e calma que ele conseguia sempre transparecer. Certamente, por este motivo, conseguia tão bem transmitir os seus pensamentos através da escrita. Afinal, quem consegue comunicar com o interior caótico?

Tenho muitas saudades de o ter por perto. Nunca chamava muito à atenção, mas estava sempre presente, e atento a tudo. Lembro-me de estar de férias na casa dos meus avós em São Cosmado quando tinha 13/14 anos. Para quem não sabe, é uma vila muito remota e talvez menor do que o Jardim Tunduro. Como é óbvio, a minha pessoa, no pico da adolescência, encontrava-se bastante aborrecida. Talvez nunca me fosse lembrar deste aborrecimento hoje em dia se não tivesse uma memória tão bonita associada a este momento. Recordo-me perfeitamente da minha avó, dentro do seu carácter amoroso e carismático, estar desesperada e de não saber mais o que inventar para me distrair. O meu avô chegou a certo momento, pegou em mim, e levou-me a passear para o campo. Não sei quanto tempo ficámos os dois, mas, hoje, quando me lembro, sinto como se fosse um dia inteiro. Ficámos muito tempo em silêncio e a apreciar as flores silvestres e as paisagens. Não foram precisas palavras, apenas amor e a força tão simples da natureza.

Graças ao meu avô, este é um momento e uma lição que guardo sempre comigo e que me ensinou a procurar a beleza e a paz da natureza em todos os momentos, especialmente nos mais difíceis.

---

<sup>8</sup> Maura Couto, neta de Fernando Couto. Define-se como uma “catalisadora do desenvolvimento social que vive pelo mundo à procura de novas experiências”.